

MARÉ DE NOTÍCIAS



Mãe é verbo

Cuidar, transformar, brigar, chorar, brincar, sorrir, ajudar, mudar, se preocupar, se irritar... E, claro, amar. Ser mãe é isso. Numa homenagem a elas, o **Maré de Notícias** traz relatos emocionantes de mães de diferentes comunidades da Maré. **PÁGINAS 8 E 9**

Cidadania em primeira mão

PÁGINA 3

Passos da Maré para o mundo

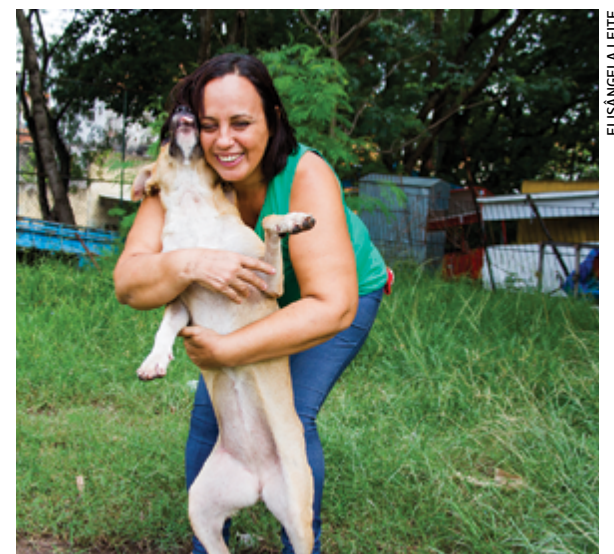
PÁGINAS 10 E 11

Todos contra a violência — a carta do Basta

PÁGINAS 4 E 5

O direito de SER DIFERENTE

A árdua tarefa dos profissionais de educação para combater o preconceito sexual. E o que as escolas e estudantes podem fazer para ajudar nesse processo? **PÁGINAS 6 E 7**



VIDA DE CÃO

Como é a vida de animais que são abandonados na favela e o enorme coração de quem cuida dos bichos. **PÁGINA 13**

EDITORIAL

Ser diferente é normal, ou pelo menos deveria ser. Mas, na prática, assumir uma orientação sexual diferente não é fácil. Ainda mais quando isso se dá em ambiente escolar. São inúmeras as informações sobre os preconceitos oriundos de estudantes e também de professores. Como enfrentar esse comportamento? Como as escolas têm de se posicionar diante desses fatos? E o Ministério da Educação, tem algum protocolo? Esses foram alguns objetivos da reportagem “Diversidade Sexual, ser diferente é normal”, quando ouvimos alguns relatos importantes e experiências bem-sucedidas em escolas no Rio. Refletir sobre o assunto é o mínimo que podemos fazer se queremos uma sociedade mais harmônica, amorosa e justa.

E como maio é o mês das mães, trazemos uma série de narrativas de algumas “mãezonas”, que criaram seus filhos, netos e até bisnetos nas comunidades que fazem parte do Complexo da Maré.

Outro convite à reflexão está na reportagem sobre os cães que vivem nas favelas, muitos abandonados e que perambulam pelas ruelas das comunidades. Como é a vida de quem se solidariza com os bichos e onde procurar assistência gratuita?

E sobre artes, apresentamos uma matéria especial sobre o Centro de Artes da Maré e seus inúmeros intercâmbios, que transformam a vida das pessoas que passam por lá. E falando em transformação, o Fórum Basta de Violência está em pleno vapor; a carta-manifesto já está pronta e publicamos tudo para você, aqui, nessa Edição. Uma ótima leitura! Parabéns a todas as mães da Maré!

EU, LEITOR



É com muita gratidão e em nome de todos os pais e todas as mães que agradeço pelo trabalho da diretora Aparecida Moreira de Melo. A sua dedicação, a sua força de vontade, o seu carinho... seu comprometimento faz a diferença na Escola Municipal Lino Martins da Silva. O trabalho dela é excelente, as-

sim a escola funciona organizadamente devido aos seus esforços. Que ela continue a exercer sua função com tanta competência. A Maré precisa de diretores como ela ... em nome de todos agradeço seu excelente trabalho!

Vanuza Silva

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

act:onaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Eliana Sousa Silva
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

Adriana Pavlova
(Mtb 17614/RJ)
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Roberto de Oliveira
(Mtb 29977/RJ)

FOTÓGRAFA:

Elisângela Leite

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Mórula_Oficina de ideias

IMPRESSÃO:

Folha Dirigida

TIRAGEM:

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

HUMOR | André de Lucena



GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

[f /redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare)

Documento não é bicho de sete cabeças

Veja como ficou fácil conseguir certidão de nascimento, identidade e CPF

HÉLIO EUCLIDES

A dona de casa Maria Marileide levou seu filho de 12 anos ao posto do DETRAN do Parque da Maré para adquirir sua primeira Carteira de Identidade. “O documento é necessário para viajar, para a escola e sem falar que é ótimo ter uma identificação”, conta a moradora do Parque União. Mesmo sendo fácil possuir documentos, dados do Censo 2010 do IBGE revelam que o Brasil tem quase 600 mil crianças sem Registro de Nascimento. Com os adultos não é diferente, muitos não possuem Carteira de Identidade e CPF. Apesar de a Maré possuir dois postos do DETRAN, ainda tem morador que desconhece essa informação e perde a chance de possuir Carteira de Identidade sem sair da favela.

Não há muita complicação: no caso da Certidão de Nascimento, nas unidades públicas de saúde a criança já sai com o documento, que é o primeiro da vida de um cidadão. Já nas particulares, é necessário que o responsável procure um cartório próximo. É necessário levar: a via da Declaração de Nascimento Vivo (DNV) fornecida pelo hospital ou maternidade, certidão de casamento — se os pais fo-

rem casados — e um documento de identificação. Se os pais não forem casados, pai e mãe devem comparecer ao cartório, munidos do documento de identificação. A primeira via da Certidão de Nascimento é gratuita.

Aquisição da primeira via da Identidade é gratuita

No caso da Carteira de Identidade, a primeira via também é sem custos. É necessário levar original e cópia da Certidão de Nascimento e, no caso de já ser casado, apresentar a Certidão de Casamento. Os postos Maré ficam no Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC), na Praça do 18, Baixa do Sapateiro; e na Rua Teixeira Ribeiro, 629, no Shoppinho, Parque Maré. Importante lembrar que não tem uma idade mínima para possuir o documento. Mas o atendimento é realizado somente mediante agendamento, que pode ser feito pelo site www.detran.rj.gov.br ou pelo telefone 3460-4040. O posto do Centro Comunitário, além de abrigar uma unidade do DETRAN, ainda disponibiliza gratuidade de Casamento Civil e Certidão de Óbito.

CPF também pode sair de graça

Já o CPF pode ser adquirido gratuitamente pela internet no

ELISÂNGELA LEITE



Zé Careca, de 81 anos, perdeu seus documentos e foi retirar a segunda via da Identidade e da Carteira de Habilitação

site www.receitafederal.gov.br. Mas nas agências do Banco do Brasil (Avenida Nova York, 115 e Avenida Carlos Chagas Filho, 373, Cidade Universitária), nas agências da Caixa Econômica Federal (Rua Cardoso de Moraes, 106 e 251) e nos Correios (Rua Dona Isabel, 158 e Avenida Brasil, 4365, Fiocruz) é cobrada uma taxa de R\$ 5,50. É necessário levar Carteira de Identidade ou Registro Civil (Certidão) de Nascimento, Título de Eleitor para os maiores de 18 anos. Em caso de menor, o responsável precisa comparecer munido da sua Carteira de Identidade e a Carteira do menor.

As escolas públicas são obrigadas, por lei, a fazer a matrícula da criança ou adolescente mesmo sem a Certidão de Nascimento. Contudo, os documentos são muito importantes, já sem eles é impossível acessar uma série de benefícios, como por

exemplo, o Bolsa Família, fazer movimentação bancária e obter comprovante de residência. O documento é necessário por toda a vida, até para declarações e abertura de crediário.

O DETRAN perto de casa

“Tive o prazer de atender ao meu filho, João Gabriel, de seis anos. Antes do documento de Identidade, tinha de levar a Certidão de Nascimento dele para todo lugar, o que era complicado, agora ficou prático”, detalha a funcionária da unidade DETRAN Parque Maré, Cátia Gomes. O líder comunitário José Barbosa, o popular Zé Careca, de 81 anos, perdeu seus documentos e foi retirar a segunda via da Identidade e da Carteira de Habilitação. “É muito interessante ter uma unidade perto de casa, é uma ótima ideia. A minha Identidade ainda era de Campina Grande”, revela.

Basta de violência! Outra Maré é possível

Marcha e Carta-manifesto pedem o fim da violência nas favelas

ROBERTO DE OLIVEIRA

As mobilizações pelo fim da violência na Maré e em outras favelas ganham mais força a cada dia no Rio de Janeiro. O Fórum "Basta de Violência! Outra Maré é Possível...", movimento que reúne diversos setores da Maré, como funcionários da educação e da saúde pública, líderes comunitários e religiosos, presidentes de associações de moradores, ONGs e moradores e moradores, criou um perfil no Facebook e por esse canal recebe depoimentos de professores, jornalistas, moradores e intelectuais.

Criado em março, o Fórum tem o objetivo de ser um espaço permanente para discussão sobre o direito à vida e a forma como as operações policiais ocorrem dentro dos espaços populares. Nos três primeiros meses de 2017, 26 moradores da Maré foram vítimas de confrontos armados entre policiais e traficantes, ou entre grupos civis armados que travam verdadeiros combates na favela. Para o dia 24 de maio, os integrantes do Fórum convidam a população da Maré e de outras partes da cidade para um ato, que está sendo chamado de Marcha da Maré, e pretende chamar a atenção das autoridades nacionais para os problemas causados pelas incursões violentas na favela em nome da guerra às drogas.

As reuniões

Os encontros acontecem no auditório da Escola Municipal Bahia e servem para expor as maneiras que o cidadão pode utilizar para dizer que não aguenta mais ser vítima de violações de direitos. Recentemente, o Fórum elaborou e divulgou pelo seu perfil no Facebook uma Carta-Manifesto, onde são apresentados

diversos motivos para a existência dessa iniciativa na Maré.

"Estamos todos juntos contra essa violência horrorosa que atinge a todos nós", diz Amália Lima, bailarina que trabalha no Centro de Artes da Maré.

O diálogo entre os moradores e o poder público não tem acontecido e, nos encontros do Fórum a sociedade civil têm encontrado acolhimento para fortalecer a cidadania do morador e da moradora de todas as comunidades que formam a Maré. Como não é um fato isolado, a violência em outras favelas, como Manguinhos e Complexo do Alemão, também faz parte das discussões e os casos ocorridos nesses territórios fortalecem a necessidade de uma articulação entre toda a população carioca para dizer que Basta de Violência! Outra Maré é Possível...

“

Precisamos dar um basta na violência na Maré, pois os moradores precisam transitar para seguir suas vidas, têm o direito de receber respeito e não merecem conviver com o derramamento de sangue do seu povo em suas portas”

JULI PINHO, MORADORA DA MARÉ

"Precisamos dar um basta na violência na Maré, pois os moradores precisam transitar para seguir suas vidas, têm o direito de receber respeito e não merecem conviver com o derramamento de sangue do seu povo em suas portas", diz Juli Pinho, moradora da Maré e assistente de monitoramento e avaliação da ONG Luta pela Paz.

PRÓXIMOS ENCONTROS:
15/05, às 14h,
22/05, às 10h.

ENDEREÇO:
Escola Bahia
Av. Guilherme Maxuel, 243
próximo à passarela 7, Av. Brasil

FÓRUM

BASTA DE VIOLÊNCIA!

OUTRA MARÉ É POSSÍVEL...



ISSO TE INCOMODA?

(PENSE QUE 2017 AINDA NÃO ACABOU)

2016		2017
33	 OPERAÇÕES POLICIAIS	14
17 MORTOS	 HOMÍCIDIOS E FERIDOS POR ARMAS DE FOGO	13 MORTOS 16 FERIDOS
28 DIAS SEM AULAS 20 DIAS SEM POSTOS DE SAÚDE	 CONSEQUÊNCIAS NA SAÚDE E NA EDUCAÇÃO	11 DIAS SEM AULAS 17 DIAS SEM POSTOS DE SAÚDE


GASTOS
PÚBLICOS

OCUPAÇÃO DAS FORÇAS
ARMADAS NA MARÉ:
R\$ 1,6 MILHÃO DIARIAMENTE.
R\$ 600 MILHÕES EM 15 MESES.

INVESTIMENTO EM
PROJETOS SOCIAIS:
R\$ 303,6 MILHÕES
EM 6 ANOS.

ENTÃO, ISSO TE INCOMODA?

SE SIM, JUNTE-SE A NÓS NESTA LUTA.

Fazemos parte do Fórum "Basta de Violência! Outra Maré é possível!" somos moradores, comerciantes, igrejas, instituições públicas e todos que desejam mudar essa realidade. Deixamos aqui o convite para construirmos juntos outra Maré, onde possamos andar, dormir, trabalhar e viver sem medo e sem violência!

O QUE QUEREMOS?

- Garantir o direito e ir e vir sem violência;
- Exigir políticas públicas que sejam efetivas e garantam a qualidade no acesso à saúde, educação, cultura, lazer e outros direitos aos moradores;
- Discutir sobre Segurança Pública na Maré;
- Lutar de forma coletiva e organizada para que nossos direitos sejam garantidos.

ASSIM, TRAZEMOS PARA REFLEXÃO:

- Em vez da sensação de segurança, as operações policiais só trazem violência e medo à rotina, usando muito dinheiro público com uma guerra que mata cada vez mais pessoas, prejudicando a saúde física e mental de todos;
- Várias organizações (públicas, filantrópicas, não governamentais e privadas) são frequentemente impedidas de funcionar, dificultando o acesso a direitos;
- A violência destrói a vida em comunidade e impede moradores de irem à escola, ao trabalho e a outras atividades de sua rotina;
- Os meios de comunicação (tv, jornais e revistas) tratam as favelas e seus moradores como criminosos, incentivando ações violentas e violadoras por parte do Estado.
- Apesar de presente em toda a cidade, a violência é tratada como um problema somente das favelas;
- Nós, moradores e trabalhadores da favela, não aguentamos mais tantas situações de violência;
- Esta violência nos traz prejuízos emocionais, físicos e financeiros, atingindo diretamente o desenvolvimento social e econômico da nossa região.

VENHA PARA A
MARCHA CONTRA A
VIOLÊNCIA NA MARÉ!

DIA 24 DE MAIO ÀS 13H.

CONCENTRAÇÃO:
PRAÇA DO PARQUE UNIÃO E ASSOCIAÇÃO
DE MORADORES DO CONJ. ESPERANÇA.

FÓRUM

**BASTA DE
VIOLÊNCIA!**

OUTRA MARÉ É POSSÍVEL_

 /FORUMBASTADEVIOLENCIA

Diversidade sexual nas escolas

Ser diferente é normal

ROBERTO DE OLIVEIRA

Gilmara Cunha, 32 anos, é uma mulher transexual. É líder há 11 anos do Grupo Conexão G, que atua na Maré e em outras comunidades do Rio de Janeiro, para assegurar o direito da população LGBT em favelas e encontrar formas de evitar a violência, física ou verbal, por motivo de intolerância à orientação sexual.

Aos 13 anos, **GILMARA** passou uma de suas maiores dificuldades por ser transexual em sua escola. Os alunos da turma iam, um por um, receber o diploma em um palco e recebiam os tradicionais aplausos de suas famílias. “Aquele momento era importante pra mim, pois minha mãe não era tão presente, e eu fiz com que ela fosse à formatura para me prestigiar”.

Na vez de ela receber o diploma, a turma gritou frase homofóbica, como “tu é gay que eu sei”. “A diretora da escola considerou a atitude da turma normal, aí eu disse — normal pra quem?”, conta a ativista, querendo mostrar que a identidade de cada um não muda o fato de que todos são iguais como seres humanos.

É dessa forma que o preconceito se propaga na escola: com a omissão e o descaso de alguns profissionais que, ou concordam com atitudes homofóbicas ou não sabem como lidar com situações de preconceito sexual. Uma pesquisa divulgada durante a VIII Parada Livre de Porto Alegre mostra que quatro de cada 10 jovens LGBTs, entre 15 e 21 anos, foram discriminados por professores e colegas. A Organização das Nações Unidas (ONU) também estudou o tema da Diversidade Sexual na escola em algumas capitais brasileiras. O resultado foi que o percentual de professores que declaram não saber como abordar os temas relativos à homossexualidade em sala de aula vai de 30,5%, em Belém, a 47,9%, em Vitória.



FOTOS: ELISÂNGELA LEITE

Pior que não saber como abordar o tema é incentivar a homofobia. O percentual dos professores que percebem a homossexualidade como doença é de 7%, em Florianópolis, e 22%, em Fortaleza. Entre os estudantes do sexo masculino, 39,6% no Rio de Janeiro, e 40,9% em São Paulo não gostariam de ter colegas de classe homossexuais.

Como a omissão e a falta de diálogo afetam estudantes

Os problemas relacionados ao preconceito com a diversidade sexual nas escolas causam prejuízos nas trajetórias educacionais desses jovens que, para continuar com os estudos, acabam desenvolvendo estratégias nem sempre recomendáveis. Para terminar o Ensino Médio, Gilmara teve de se adaptar aos estereótipos que os colegas impunham. Ela conta que, para se proteger, bancava a palhaça: “durante três anos, eu era aquela que fazia o povo rir. Eu sentava-me no colo dos meninos, eles alisavam o meu corpo... Eu assumi aquele papel de ‘bicha maneira’ e assim fui levando. Eu me permitia essa relação para ser aceita e cumprir mais uma etapa da minha vida. A minha proposta era avançar e dizer ‘eu posso, e se eu posso você também pode’, mas hoje eu não recomendo essa estratégia pra ninguém, pois acredito que na escola tem pessoas competentes para ajudar nesses casos”.

A atriz Dandara Vital, 36 anos, também foi vítima da violência psicológica. “Pra mim foi a fase mais difícil da minha vida. Ganhei apelidos, os diretores e professores não me apoiavam, fingiam que não viam, e como sabia que meus pais não iriam me apoiar, continuei estudando e sofrendo na escola.

Orientações do Ministério da Educação

Segundo o Caderno SECAD 4¹, do Ministério da Educação (MEC, 2007), o/a jovem LGBT vítima de homofobia na escola está exposto e torna-se vulnerável em diversos aspectos, pois a violência afeta o bem-estar subjetivo do alu-

¹ DISPONÍVEL EM: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf



no/a, traz insegurança, estigmatização, segregação e isolamento, invisibilidade ou visibilidade distorcida, problema nas relações sociais, não só com outros estudantes, mas também com alguns profissionais da educação.

Diante desse cenário, o atual Governo Federal deu mais uma demonstração de que falar sobre a diversidade sexual na escola não é prioridade para os alunos brasileiros. Depois do fracasso do programa “Escola Sem Homofobia”, em 2011, em que estava prevista a distribuição de material didático-pedagógico direcionado aos professores para dar a eles subsídios para a abordagem de temas relacionados à homossexualidade, no início de março/2017 o MEC enviou suas propostas para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que registra os assuntos recomendados pelo Ministério para as escolas incluírem em seus currículos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, sem os termos que falavam do respeito à “identidade de gênero” e à “orientação sexual” do/a aluno/a.

Alexandre Bortolini, pesquisador e coordenador de ações em prol da abordagem sobre a diversidade sexual na escola, afirma que essa retirada dos termos “identidade de gênero” e “orientação sexual” dos documentos sobre o que a escola brasileira deve ensinar para o aluno representa, sem dúvida, uma perda de apoio para a discussão sobre homofobia na escola, porém, alerta que não está proibido falar sobre tais temas na escola. Ele afirma: “a escola continua com essa responsabilidade: A Lei de Diretrizes e Bases, a Constituição Federal, e várias outras Diretrizes Curriculares Nacionais continuam dizendo que tem de falar, sim, que tem de enfrentar todo tipo de discriminação”.

Na Baixada Fluminense, uma experiência de sucesso

Em Duque de Caxias, um professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense criou um programa de extensão que ajuda professores, diretores e alunos a lidarem melhor com as questões de gênero e de diversidade sexual nas escolas. **IVAN AMARO**, 50 anos, 30 deles dedicados ao magistério, fez Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e disse que o que motivou a criação do Curso foi o grave quadro de violência

praticado não só contra a população LGBT, mas também contra as mulheres, principalmente negras e periféricas.

O Curso para educadores reúne cerca de 30 pessoas entre diretores e professores de escolas públicas do município de Nilópolis e da região da Ilha do Governador, administrada pela 11ª Coordenadoria Regional de Educação do município do Rio de Janeiro (CRE). Ivan conta que não há nenhuma faculdade onde a temática específica sobre gênero e sexualidade seja abordada, o que muitas vezes deixa os

“

O professor não sabe lidar com essas questões ou acha que, ao identificar um aluno ou aluna com o comportamento afeminado ou masculinizado, acionar a família seja a solução, já que, muitas vezes, há mais recriminação que apoio”

IVAN AMARO, PROFESSOR



educadores sem saber como agir em casos em que o aluno ou aluna precisam de apoio para ter seus direitos respeitados. “O professor não sabe lidar com essas questões ou acha que, ao identificar um aluno ou aluna com o comportamento afeminado ou masculinizado, acionar a família seja a solução, já que, muitas vezes, há mais recriminação que apoio”, diz o professor, que trouxe um caso ocorrido numa escola da Baixada Fluminense: um aluno que não queria jogar futebol na aula de Educação Física foi humilhado pelo professor que, sem a autorização dos diretores da escola, contou a situação para o pai do rapaz. O homem foi até a escola e espancou o filho na frente de todos. As sequelas físicas e psicológicas afastaram o estudante da escola por cerca de dois meses, o que aponta a falta de inteligência e cuidado no trato da orientação sexual como um direito. “A falta de saber lidar com a diferença é um problema nas escolas”, complementa Ivan.

O professor de música Eduardo Prestes conta que quando era funcionário da Rede Municipal do Rio de Janeiro presenciou que alguns estudantes LGBTs tinham medo de ir sozinhos ao banheiro, onde acontecia a maioria das agressões. “Na sala de aula eram xingamentos, discriminação, estigmatizações, entre outros atos preconceituosos”. Atualmente dando aula no Colégio Pedro II, uma das melhores escolas públicas do País, ele diz que, felizmente, encontra iniciativas que tentam desconstruir questões que causam a exclusão no espaço escolar, como o Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade (LEDi), criado em setembro de 2015, e coordenado por professores e técnicos em educação do próprio colégio.

ONDE BUSCAR APOIO

PROGRAMA DE EXTENSÃO
“EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS – GÊNERO E SEXUALIDADES”, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense:
www.promovide.febf.uerj.br

É PRA FALAR DE GÊNERO SIM – perfil no Facebook e blog:
<http://eprafalardegenerosim.blogspot.com.br/>

RIO SEM HOMOFOBIA – site do Governo do Estado do Rio de Janeiro:
<http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/>

CONEXÃO G – Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda. Site: <http://conexaog.org/>



FOTOS: ELISÂNGELA LEITE

Elza Lanzellotti de 80 anos, chegou na Maré em 1971, e por aqui teve seus 8 filhos

Mães da Maré

Um relato de como é e como foi ser mãe na Maré

HÉLIO EUCLIDES

Mãe é mãe, já diz o ditado popular. E maio é mês delas. De todas elas, das irmãs, amigas, filhas, tias, primas, sobrinhas que se encorajaram nessa aventura de ser mãe. Porém, nem tudo é festa na vida dessas mulheres, que encontram barreiras, muitas vezes, sofrem caladas, superando muitos obstáculos por amor aos seus filhos. Simone Gomes Pereira da Silva, de 30 anos, é uma dessas guerreiras. Aos 17 foi mãe de Lucas, que nasceu com malformação da coluna e hidrocefalia. A moradora da comunidade Bento Ribeiro Dantas conta que seu filho a ensinou a ser

mãe. Segundo ela, uma criança forte a fortaleceu.

Simone nasceu em Campina Grande e veio pequena para a Maré. Seu pai era proprietário de duas farmácias, uma na Baixa do Sapateiro e outra na Rua Tatajuba. Cedo se casou e teve Lucas, que hoje tem 13 anos. “Quando ele nasceu não tinha noção, mas junto com o meu companheiro aprendemos a ser presentes, e participar de tudo. Sou uma parte do meu filho, e ele é a melhor parte de mim. Olhando para trás, vejo que me tornei uma pessoa melhor e sensível”, desabafa Simone. Lucas sente esse carinho vindo por parte dela. “Amo minha mãe, ela é uma pessoa especial para mim”, resume.

Outras mães construíram uma família grande. Moradora da Baixa do Sapateiro, Elza dos Santos Lanzellotti, de 80 anos, se casou em 1960 e teve oito filhos. Seu laço com a Maré começou em 1971, quando veio morar de aluguel na favela, pois o marido trabalhava na fábrica Nova América, e precisava de um lugar próximo. “Uma das dificuldades de ter um número grande de filhos era estar junto para levar e buscar na escola. A sorte é que alguns estudaram perto de casa, na Escola Municipal Quarto Centenário. Outro obstáculo era que meu esposo ganhava pouco, então tínhamos de economizar. No aniversário deles não tinha festa, apenas um bolinho em casa”, relembra.

Elza se orgulha em falar da educação e da profissão de seus filhos. Cada um escolheu um ramo:

diretor de escola, professora, farmacêutica, eletricitista, funcionário do DETRAN, dona de sorveteria, contadora e técnico de informática. Sua filha Elenice Lanzellotti, também mostra orgulho pela mãe: “ela é especial, sendo a pessoa mais paciente do mundo, serve de espelho para nós. Nós almejamos ser parecidos com ela, pois sempre tem uma mensagem para nós, o que nos faz superar os problemas. Minha mãe respeita as diferenças dos filhos”, esclarece. A mãe se emociona lembrando-se de um agrado recente que recebeu. “Fiquei muito emocionada quando completei 80 anos e fizeram uma festa surpresa, que reuniu os oito e os 11 netos”, conta.

A expansão da Favela da Maré tem muito a ver com a presença de mães nordestinas. Maria Mendes da Silva, de 63 anos, é uma delas.

“

Educar é difícil, é muita responsabilidade. Penso que todos precisam participar da vida de seus filhos e amá-los. Eles são a nossa herança”

ELZA LANZELLOTTI

Nascida em Campina Grande, depois da morte do pai veio para o Rio de Janeiro trabalhar em casa de família. “Vim acompanhada de minha mãe e avó, e sempre fiquei do lado delas, cuidando de cada uma. Quando cheguei aqui na Praia de Ramos, minha casa era um pequeno barraco de madeira, só tinha o primeiro andar. Naquela época não existia passarela na Avenida Brasil. A água era muito fraca, tinha de aparar numa bacia”, lembra.

Maria tem cinco filhos, 16 netos e cinco bisnetos e, quando a casa se encontra cheia ela é pura felicidade. “Agradeço a Deus por ela existir, por isso que estou aqui. Sou feliz por ter uma mãe que me ajuda, ela é meus pés e mãos”, comenta a filha Jacira de Lima Santos. Maria conta que sempre incentivou os filhos a estudarem, que eles seguiram até o Ensino Médio e só não foram mais longe porque não desejaram. Com uma família grande, parte se encontra em outros Estados. “Em breve vou viajar para o Nordeste, e vou levar o Jornal Maré de Notícias que todo mês guardo, para que todos saibam o que acontece aqui”, garante.

Ser mãe é preciso, ao mesmo tempo, cruzar a bola e estar na área para cabecear e fazer o gol. Zélia Vieira da Silva, de 68 anos, pensa dessa forma e, para completar, é técnica de futebol. Ela veio com a família de Sergipe para

a comunidade de Roquete Pinto, com 17 anos. A carreira inusitada começou quando seu filho saiu do Olaria, então ela pensou em montar uma escolinha. Depois eles cresceram e o trabalho foi retomado com os pequenos. Essa proximidade com o futebol é antiga. Zélia, quando jovem, foi jogadora e atuava como lateral. Ela tem dois filhos e um neto e a família acha bonito o seu trabalho. “Ela é boa técnica e cuida bem deles. Tira essa meninada desse mundo perigoso. Minha mãe é uma guerreira, a amo muito”, enfatiza seu filho, Bruno Vieira.

Zélia treina mais de 60 crianças. Afirma que não tem patrocínio, que tira parte do seu salário de aposentada para o projeto. Única ajuda que pede é o dinheiro da passagem quando a garotada precisa jogar fora da comunidade. Na sua estante de troféus, dois se destacam, quando venceu um campeonato na Vila do João e o de melhor treinadora do Piscinão. “O meu segredo é quando o time faz gol e está com pequena vantagem, digo que temos de jogar mais, e fingir que tudo está OXO. Sinto emoção com essa garotada, e que venham as vitórias”, relata a treinadora que tem alguns de seus ex-jogadores em grandes clubes, como Vasco, Olaria, Botafogo, Sampaio Correia e até fora do País. O jogador Allan Marques jogou no Udinese e agora atua no Napoli.

Para algumas mães é necessário superar as diferenças. Josenilda Simão dos Santos veio de Campina Grande para o Rio de Janeiro, em 2008. Foi funcionária de um restaurante, mas sonhava com um trabalho que pudesse conciliar o cuidado dos três filhos. “Antes não tinha tempo de vigiar os estudos dos filhos, pois trabalhava das 7 às 17h, agora depois de um ano e quatro meses nesse novo ramo já consigo, pois saio às 9h. Outra vantagem é não me aborrecer e financeiramente também é melhor”, expõe. Josenilda, hoje, trabalha com conserto de panelas, um negócio de família, que começou com o avô, passou pelo pai e tios. Ela pegou a prática em apenas três dias.

Josenilda atua nas ruas, terças e sábados no Piscinão, e quartas na COAB, em Bonsucesso. “É difícil ver mulheres fazendo isso, fui para esse ramo que só tem homem e conquistei meu espaço. Algumas pessoas ficam curiosas em ver uma mulher consertando panelas. Eles acham que vou levar para algum homem consertar e os surpreendo quando faço o serviço na hora. Outros falam que tem mais confiança em mim,

dizem que mulher tem mais cuidado e até deixam entrar em casa”, comenta ela, que segue com seu carrinho com bateria de moto.

É fácil ser mãe?

Simone acredita que não é fácil. “Educar é difícil, é muita responsabilidade. Penso que todos precisam participar da vida de seus filhos e amá-los. Eles são a nossa herança”, recomenda. Elza concorda e completa: “as mães precisam ter paciência e saber que filhos não são para estarem na rua. Tem de educar, não é gritando que vamos resolver as coisas”, afirma.

Para Maria é preciso ser boa filha, para desempenhar bem o papel de mãe. “Sempre cuidei da minha avó e mãe, e dei muito amor e carinho para os meus filhos. O importante é não desprezá-los, e estar ao lado em todos os momentos”, aconselha. Josenilda pensa que para quem perdeu o companheiro é mais complicado. “Ser mãe não é fácil, especialmente na localidade onde vivemos. É mais difícil ainda para quem cria sozinha, como é o meu caso, que perdi meu marido há quatro anos”, conclui



Josenilda aprendeu a consertar panelas em 3 dias, um negócio de família, que começou com o avô, passou pelo pai e tios

Passos da Maré para o mundo

Intercâmbios e parcerias marcam o dia a dia da Escola Livre de Dança e do Centro de Artes, projetos da Redes da Maré, com a Lia Rodrigues Companhia de Danças

ADRIANA PAVLOVA

Para quem costuma ir e vir na Rua Bitencourt Sampaio, na Nova Holanda, talvez aquela noite de terça-feira de abril de 2017 parecesse uma noite comum. Mas ali, no Centro de Artes da Maré (CAM), o galpão próximo à Avenida Brasil, corpos com diferentes trajetórias e nacionalidades encontravam-se para escrever mais um capítulo de uma importante história que, desde 2009, tem acontecido naquele chão. Um público diverso — formado por alunos da Escola Livre de Dança da Maré, vizinhos, crianças, parentes de alunos, visitantes de fora e equipe local — encheu as arquibancadas, sem precisar pagar por isso, para ver uma série de apresentações que poderia estar em qualquer outro palco de dança do mundo. O dançarino e coreógrafo suíço Thomás Hauert apresentou um solo, depois 12 jovens suíços, alunos do bacharelado de dança contemporânea da escola *Manufacture de Lausanne*, mostraram movimentos de um trabalho que estava sendo criado pelo coreógrafo brasileiro Alejandro Ahmed (do Grupo Cena 11, de Florianópolis) e, em seguida, juntos, os suíços e a garotada da turma de formação em dança da Escola da Maré, o Núcleo 2, fizeram improvisações, revelando

uma cumplicidade construída em encontros em Lausanne, em 2016, e na Maré agora.

“É muito bom receber vocês da *Manufacture* aqui na favela, neste espaço do Rio de Janeiro, uma cidade onde hoje existe muito medo. É muito bom recebê-los aqui e sairmos juntos para conhecer a nossa cidade depois de ter conhecido a cidade de vocês. Felizes somos nós que podemos derrubar muros visíveis e invisíveis. Esta experiência vai além da dança, porque a dança não é só o que se faz no palco, é para a vida”, disse Raquel Alexandre, 22 anos, aluna do Núcleo 2 e frequentadora do CAM desde 2009.

“Aconteceu algo muito bom entre nossos dois grupos. Não escondo o fato de que tive medo de estar numa favela, mas a experiência foi muito mais incrível do que poderia

imaginar. A realidade aqui é muito forte”, contou Alexia Casciaro, de 23 anos, da *Manufacture*.

A noite de 11 de abril de 2017 dá uma boa mostra de como, nos últimos anos, o Centro de Artes da Maré e a Escola Livre de Dança que ali funcionam se transformaram numa referência para coreógrafos, dançarinos e diferentes artistas, não apenas do Rio de Janeiro. O projeto nasceu da parceria de mais de uma década da Redes de Desenvolvimento da Maré com a Lia Rodrigues Companhia de Danças que, em 2004, transferiu suas atividades diárias da Zona Sul para a Maré. O CAM tem hoje múltiplas dimensões, funcionando como local de formação, difusão, criação e produção de artes. É um polo e palco de diferentes manifestações e atividades de arte e cultura, sem-

Oficinas gratuitas pra moradores



pre gratuitas, que atraem públicos variados, e ainda um local de debates sobre a Maré e de discussões sobre cidadania. É no CAM também que a Companhia de Lia Rodrigues ensaia, tendo criado e estreado os espetáculos “Pororoca” (2009), “Piracema” (2011), “Pindorama” (2013) e “Para que o céu não caia” (2016), que já foram apresentados em diferentes palcos do Brasil e do mundo.

A Escola Livre de Dança da Maré para moradores da região foi aberta em 2011 e, hoje, conta com cerca de 300 alunos, espalhados em oficinas gratuitas de diferentes linguagens de dança e outros trabalhos corporais. Foi com o aval fundamental de Lia Rodrigues e da professora Silvia Soter, coordenadora pedagógica da Escola Livre, que nasceu, em 2012, o Núcleo 2, projeto continuado de formação técnica, artística e profissional de jovens, que hoje conta com 10 integrantes. O grupo está em diálogo direto com a Lia Rodrigues Companhia de Danças, num trabalho que inclui aulas regulares de dança contemporânea e de balé clássico, *workshops* com artistas convidados, participação em processos de remontagem de peças de dança e mergulho no repertório da Companhia. Em 25 de maio, o Núcleo 2 estreia no CAM justamente “Exercício P, de Pororoca e Piracema”, um trabalho inspirado



À esquerda, noite de 11 de abril, intercâmbio entre Maré e Suíça. Abaixo, o coreógrafo suíço **Thomás Hauert** em sua apresentação solo

FOTOS: ELISÂNGELA LEITE



em dois espetáculos da companhia de Lia concebidos na Maré.

O CAM e a Escola de Dança não contam com recursos financeiros regulares, dependendo, todos os anos, de financiamentos governamentais ou empresariais, por meio de Leis de Incentivo à Cultura e de outras parcerias. Em 2017, os recursos vêm pela Lei do ISS/Prefeitura, com patrocínio da Globo e da Rio Galeão, além de uma parceria internacional com a Fundação Hermès. A falta de garantia de financiamento permanente faz com que Lia Rodrigues, sua equipe e Silvia Soter repensem suas estratégias de ação continuamente.

“É um projeto em movimento, que é vitorioso no sentido de conseguir sobreviver, essa é nossa pedagogia”, diz Lia Rodrigues. “Acho muito importante mostrar como sobrevivemos, que há um investimento enorme das pessoas envolvidas. Isso tudo só existe porque temos a Redes da Maré como parceira. Descobrimos um jeito de trabalhar juntos que nos fortalece. Não existe fórmula, praticamos um exercício diário de trabalho de diferenças, que tem em comum a crença na ética, na dedicação, no afinco, de que educação e formação são importantíssimas e que temos de investir em longo prazo. É insistência e permanência. Hoje, a Maré está impreg-

Aconteceu algo muito bom entre nossos dois grupos. Não escondo o fato de que tive medo de estar numa favela, mas a experiência foi muito mais incrível do que poderia imaginar. A realidade aqui é muito forte”

ALEXIA CASCIARO, DANÇARINA DA MANUFACTURE

nada em mim. Tudo que eu penso e faço passa pela Maré. Botei os dois pés aqui dentro.”

A diretora da Redes da Maré, Helena Edir, ressalta aspectos da parceria com Lia Rodrigues: “Lia trouxe para a Maré a possibilidade de encontro entre diferentes experiências de cidade. Ela apresenta, de forma muito direta, a importância de um artista cumprir seu papel como cidadão, um papel que pode ser transformador. Nossa parceria ajudou a estruturar de forma mais organizada um pensamento sobre arte e cultura que vai além do acesso. Ajudou a organizar o nosso pensamento para materializar os desejos de ter, de fato, um espaço legítimo para a arte na Maré, que dialoga com essa ideia de superar as representações da favela. E o Núcleo 2 mostra, na prática, as potências da favela, da arte como transformação de vidas.”

Os jovens do Núcleo 2 viajaram para intercâmbios na França (2013

e 2016) e na Suíça (2016). Muitos deles também conquistaram vagas em universidades públicas. Ainda em 2016, quatro integrantes foram selecionados para a audição para a turma de 2016-2019 da escola belga de dança P.A.R.T.S. (*Performing Arts Research and Training Studios*), em Bruxelas. Gustavo Gláuber e Rafael Galdino ficaram entre os 44 candidatos escolhidos e ingressaram na escola belga.

“O Centro de artes da Maré foi onde comecei a dar os meus primeiros passos na dança, aonde vieram todos os desejos e onde conheci uma companhia de dança profissional, e se pode ver que é possível um jovem negro morador da favela ser artista. A Maré, que me viu crescer e me criou, me lançou para a Bélgica e agora me fez ser representante ativo dela aqui”, contou por e-mail Rafael Galdino.

Gustavo Gláuber também deu seu depoimento: “o Centro de Ar-

tes foi a minha segunda casa desde 2009, lá aprendi tudo o que sei até hoje. A cada aula, um novo conselho ou conhecimento compartilhado; a cada *workshop*, um novo aprendizado. Foi assim que uma chama foi crescendo no meu corpo, me fazendo acreditar no meu potencial.”

O coreógrafo Renato Cruz faz parte da equipe de professores da escola desde os primeiros momentos. Suas aulas de danças urbanas são das mais concorridas e a Mostra de Danças Urbanas já entrou para o calendário da Maré.

“A Escola Livre de Dança da Maré é um lugar muito especial, com uma profusão de talentos e pessoas que se dedicam de verdade à dança. Lia deslocou o eixo cultural da cidade para dentro da Maré, expandindo-o além da Zona Sul, criando um movimento muito importante.”

A grade é variada: introdução ao balé, com Sílvia Barreto; dança urbana iniciante e intermediário, com Renato Cruz; introdução às danças afro-brasileiras, com Gabriel Lima; consciência corporal, com Bruno Damião; dança de salão, com Leila Santos; e introdução à dança contemporânea, com alunos do Núcleo 2, que este ano passaram a dividir seus saberes.

Uma das alunas mais participativas é Irenilda da Silva, conhecida como Sindy, de 49 anos e moradora da Rubens Vaz: “antes de fazer essas atividades, dormia muito mal, já acordava sentindo dores no corpo, minha autoestima estava abaixo do chão, me sentia feia, velha e não gostava de encarar o espelho. Hoje sou uma nova mulher”, diz Sindy que faz aulas de balé, dança urbana e dança afro. “Na última temporada da Companhia da Lia, acho que participei mais que os bailarinos. Quero ver tudo, me infiltrar, entender, sugar o que há de melhor. O Centro de Artes é uma oportunidade para os moradores da Maré e para todos do Rio de Janeiro. Muita gente não tem noção. Sempre sonhei em frequentar uma escola assim e não tinha oportunidade. Aqui é para todo mundo, basta chegar.”

A arte como direito

SILVIA SOTER

GRADUADA EM LICENCIATURA EM DANÇA PELA UNIVERSITE DE PARIS VIII, MESTRE EM ARTES CÊNICAS E DOUTORA EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Projetos artísticos desenvolvidos em favelas conquistaram um lugar de protagonismo nas últimas décadas, no Rio de Janeiro. No caso da dança, meu campo de estudos e de atuação, em várias regiões da cidade, jovens moradores dos espaços populares têm tido acesso a experiências formativas que, por muitas décadas, foram restritas àqueles que cresciam nas áreas mais ricas do Rio.

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, presenciou-se no Rio de Janeiro o surgimento de diversos projetos que articulavam atividades artísticas e ações sociais. Nomes como “Dançando para não dançar”, “Projeto Luar de Dança” e o “Corpo de Dança da Maré” se tornaram referências deste movimento. Naquele momento, a democratização do acesso à dança para crianças, adultos e jovens moradores dos espaços populares se apresentava como uma saída possível para combater as desigualdades de oportunidade que caracterizavam a cidade. O maior legado dessas experiências se constituiu da riqueza dos

processos em que formar, experimentar e educar se deram de modo intimamente articulados com a arte.

Também na segunda metade dos anos 1990, o Rio de Janeiro foi referência da criação em dança contemporânea. A política municipal de apoio a criadores e companhias de dança e festivais, precocemente interrompida, fez com que uma geração de artistas produzisse uma cena diversa e representativa da qualidade da dança carioca, reconhecida nacional e internacionalmente. Nomes como Lia Rodrigues, João Saldanha, Marcia Rubin e Esther Weitzman consolidaram seus trabalhos naquele momento. Ainda hoje, o Rio de Janeiro segue identificado como uma das poucas cidades brasileiras que reúnem um grande número de artistas da dança contemporânea.

Muitas transformações estão em curso, tanto no Rio como no Brasil. Uma consciência maior das imensas desigualdades da cidade, a mudança da visibilidade das favelas e de seus moradores e a compreensão da necessidade de entendê-los como importantes atores dessa mudança têm contribuído para construir uma maior integração entre diferentes territórios, não sem tensão, entendendo o Rio de Janeiro como uma cidade de misturas.

A descentralização de equipamentos culturais e a presença de instituições, ainda

que com grande dificuldade e financiamento descontínuo, buscam garantir o acesso à arte como direito aos moradores dos espaços populares, e têm contribuído para a transformação desse cenário. No entanto, muito ainda precisa ser feito para consolidar ações que, de fato, garantam a arte como direito.

O contato com a dança na infância e na juventude vem marcando positivamente a vida de jovens moradores das favelas cariocas. Muitos decidem, por exemplo, se profissionalizar nesta área, o que há alguns anos pareceria pouco provável, passando a integrar companhias profissionais, se organizando em coletivos e grupos artísticos, se especializando em escolas internacionais ou, ainda, optando pela dança como formação no Ensino Superior. A significativa presença destes jovens na Graduação em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro confirma essa ampliação de oportunidades profissionais.

Se nos anos 1990 o principal foco dos projetos de dança em espaços populares era a democratização de acesso aos seus moradores, em 2017 se torna imperativo fortalecer espaços na cidade em que habitantes de diferentes bairros se encontrem para projetos comuns nos quais partilham visões de mundo, inquietações e saberes. Nesse sentido, a arte tem sido catalisadora de encontros frutíferos.



O contato com a dança na infância e na juventude vem marcando positivamente a vida de jovens moradores das favelas cariocas. Muitos decidem, por exemplo, se profissionalizar nesta área passando a integrar companhias profissionais, se organizando em coletivos e grupos artísticos, se especializando em escolas internacionais ou, ainda, optando pela dança como formação no Ensino Superior”



ELISÂNGELA LEITE

São 4 casas na Maré que são abrigos de cães. A da Elza é uma delas

Essa vida de cachorro!

Cães abandonados encontram solidariedade

HÉLIO EUCLIDES

“A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo que seus animais são tratados”. Esse pensamento de Mahatma Gandhi é o mesmo de Eudésia Santos da Silva, 68 anos, que dividiu sua casa ao meio, para cuidar dos seus cinco cachorros e oito gatos. Ela não é a única moradora que se solidariza com o sofrimento de animais abandonados e que geralmente se encontram doentes. Atenção, cuidados e pitadas de amor são oferecidos, além do custo do veterinário, muitas vezes do próprio bolso para que o animal se sinta bem.

A moradora na Vila dos Pinheiros, há 10 anos, cuida de cães e

gatos órfãos. Por mês, ela gasta 20 quilos de ração para os cachorros, e 15 quilos para os felinos. Nisso, gasta a metade do meu salário de pensionista. “Amo meus vira-latas e gatos. Dou comida, banho, vacina contra raiva e toso. Meu sonho é que todos tenham mais amor pelos animais”, desabafa. Ela admite que, apesar do grande número de abandonados, não tem como adotar mais. “Hoje não tenho como assumir mais animais, não tenho espaço. Além de me sentir muito cansada, é muito trabalho”, revela.

Já Heloisa de Lima, 48 anos, desde os 10 dedicados aos bichos, tem um sonho: construir um miniabrigo para os animais, em uma área abandonada do Piscinão. Ela esbarra na falta de dinheiro e

apoio. Enquanto o espaço não sai do papel, ela cuida na sua própria casa de 30 gatos e 10 cachorros. “Não temos como olhar e não fazer nada, mas minha casa não suporta mais; hoje vivo para eles. Vendo doces e bolos para conseguir cuidar deles. Somos chamadas de malucas, pois nos sensibilizamos com a situação dos animais”, revela. Ela acredita que só na Praia de Ramos e Roquete Pinto tenham de 200 a 300 gatos nas ruas e 150 cães.

Mesmo não podendo levar para sua casa, Heloisa cuida dos animais que moram na rua. Um passo é levar cerca de 30 animais por mês para castração, com gasto de 150 reais de transporte. Um exemplo é Mel, uma cadelinha que vive no Piscinão, mas que no passado foi achada com o rabo cortado, e após desembolsar 900 reais, a totó foi curada. Mas ela reclama da falta de apoio dos comerciantes, em especial do ramo de comidas, que preferem jogar fora, que doar aos animais. A única ajuda vem de três amigas, entre elas Elza Maria, que também mora com os cachorros e gatos. “Espero que as pessoas tenham mais paciência e amor pelos animais. É triste o que aconteceu com o cão Natalino, que cuido desde a noite de Natal, quando o achei em coma”, exemplifica.

Um verdadeiro escudeiro

Pipoca é o escudeiro da moradora da Nova Holanda, Eliane Antunes, 60 anos. Para ela, Pipoca é um amigão. “Ele me segue no supermercado, dentista e até no Banco. Teve uma vez que ele foi numa excursão escondido. Quando ele sumiu três dias fiquei desanimada da vida. Esse cão mestiço, com mistura de vira-lata com *poodle*, esse ano completa sete anos”, comemora. Ela começou a criar animais há 15 anos. “Não gosto que maltratem os bichos. As pessoas acham que os ani-

mais vão ficar doentes ou crescer demais, e os abandonam. Isso é muito errado. É preciso levar para o veterinário, dar mamadeira e vacinas, assim como faço com o Pipoca. Além dele, tenho dois gatos, o Felix e o Frederico”, conta.

Tendo direitos e deveres

Muita gente não sabe, mas há uma lei a respeito disso. A de número 4.893, de 10 de setembro de 2008, tem um artigo que diz que os usuários dos parques, praças e logradouros públicos que frequentarem estes locais com animais de estimação são responsáveis pela limpeza, remoção e destino adequado das fezes geradas por seus animais. A moradora Adaílsa Maria concorda com essa regra, quando passeia pelas ruas da Vila dos Pinheiros, com seu *poodle spack*, de sete anos. “Eu pego com um saco o cocô do meu cão. Acho importante, pois é horrível pisar em cocô na rua. Devemos catar, já que na Zona Sul se faz dessa forma”, expõe Ana.

Um olhar empresarial

Após percorrer as ruas da Maré, nove jovens do Programa Petrobras Jovem Aprendiz na Maré, que foram escolhidos pelo SEBRAE para aulas de como administrar projetos e empresas viram a situação de abandono que se encontra inúmeros animais. “Com isso, surgiu uma ideia, fizemos um questionário simples com moradores sobre os animais e tivemos 87% de aceitação, e até pessoas se ofereceram pra ajudar”, detalha uma das alunas, Maria Catharine. Depois fizemos a primeira estação de alimentação, um protótipo, que fica em frente a Redes da Maré. A estação visa alimentar e dar água a cães e gatos abandonados. Agora a turma deseja construir mais 10 estações e para isso já estuda uma campanha de doação, para custear o projeto.



A Lona Cultural Herbert Vianna, ou simplesmente Lona da Maré, é um equipamento municipal que tem a gestão da Redes da Maré. A intenção é desenvolver um projeto de intervenção cultural, com uma programação dinâmica e variada, que oferece oficinas, cineclube, mostras de cinema, espetáculos teatrais e musicais.

PROGRAMAÇÃO

12/05 (SEXTA-FEIRA), 21H

- Favela Rock Show. Affront + Forkill + Grösz.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

A **LONA CULTURAL HERBERT VIANNA** FICA NA RUA IVANILDO ALVES, S/Nº MARÉ.

TELEFONE: (21) 3105-6815

f /LonaCulturalDaMaré



FIQUE DE OLHO



TRAVESSIAS 5: EMERGÊNCIA — A exposição de arte contemporânea chega ao seu quinto ano, consolidando-se como um projeto de reflexão e discussão sobre a arte contemporânea e as transformações do espaço urbano na atualidade.

ONDE: Galpão BELA Maré. Rua Bittencourt Sampaio, 169, Maré — entre as passarelas 9 e 10 da Av. Brasil. **QUANDO:** de 9 de maio a 8 de julho. De terça a sexta das 10h às 17h. Sábado das 11h às 17h. **QUANTO:** Entrada gratuita. **INFORMAÇÕES:** (21) 3105-1148.



CENTRO de
ARTES DA MARÉ

O Centro de Artes da Maré, conhecido como CAM, foi idealizado para criação, formação e difusão das artes, com destaque para a dança contemporânea. Com oficinas culturais, sessões de cinema e espetáculos de variadas manifestações artísticas, o CAM recebe diferentes atividades, como espetáculos de teatro, dança, expressão corporal e oficinas abertas à comunidade. Participe e aproveite os cursos gratuitos!

PROGRAMAÇÃO

06/05 (SÁBADO)

- Show de abertura Travessias 5, com Digitaldubs Sound System + Rico Dalasam.
HORÁRIO: às 19h.

18/05 (QUINTA-FEIRA)

- 1ª Mostra de Cultura e Cidadania LGBT de Favelas. Apresentação do espetáculo *Dandara Através do Espelho*
HORÁRIO: às 18h.

19/05 (SEXTA-FEIRA)

- Encontro Livre de Bici. Mostra | Música | Bazar
HORÁRIO: a partir das 16h.

22 A 25/05 (SEGUNDA A QUINTA-FEIRA)

- Oficina de Marcenaria
HORÁRIO: às 14h.

25/05 (QUINTA-FEIRA)

- Ensaio aberto do espetáculo *P de Pororoca e Piracema*
HORÁRIO: às 16h.

26 A 28/05 (SEXTA-FEIRA A DOMINGO)

- Estreia do espetáculo *P de Pororoca e Piracema*
HORÁRIO: às 19h.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

O **CENTRO DE ARTES DA MARÉ** FUNCIONA NA RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ
TELEFONE: (21) 31057265
f /centrodeartesdamare



Cena do espetáculo *Voa Marginal*

Ajude a Cia Marginal

No final de 2016, a Cia recebeu um convite para apresentar seu mais recente espetáculo "Eles não usam tênis naique". O festival oferece a estadia e a estrutura necessária para as apresentações, mas não oferece as passagens, por isso precisamos de sua ajuda: "Voa Marginal" está na *Benfeitoria*, uma plataforma digital que possibilita artistas a desenvolverem seus projetos através da chamada *vaquinha online*. Pessoas de todo o mundo podem contribuir e receberão premiações oferecidas pela companhia marginal. A plataforma exige um limite na quantia e caso não alcancemos esse limite os valores serão devolvidos aos apoiadores.

MAIS INFORMAÇÕES:

benfeitoria.com/voamarginal



ATENÇÃO MORADOR(A) DA MARÉ!

A ECOM — Escola de Cinema Olhares da Maré, está com inscrições abertas até 10 de maio, para o **Concurso de Roteiros Filma Maré**. Mande seu roteiro de curta-metragem de ficção pra gente. Se for escolhido, serão 3 meses de curso na Universidade da Califórnia, Los Angeles.

MAIS INFORMAÇÕES:

www.redesdamare.org.br

www.facebook.com/olharesdamare

Dislexia: um problema mais comum do que se imagina

O drama para garantir o direito à educação

HÉLIO EUCLIDES

A dislexia é a dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita. O maior problema é a demora no diagnóstico preciso e o tratamento ideal. A manicure e depiladora, Maria de Fátima Salvador Motta, tem uma filha com este problema e sofre com a falta de auxílio do Estado.

Maria de Fátima suspeitou de algo errado quando sua filha tinha seis anos e aos sete teve a certeza, mas não conseguia um diagnóstico. Sua filha, no segundo ano escolar, tinha dificuldades de aprendizagem. A mãe procurou o Conselho Tutelar de Duque de Caxias, município onde a filha estuda e o Ministério Público, mas nada conseguiu. “Chorei muito e ela continuou sem saber nada. Queria ajuda e não obtive sucesso, só porta na cara. Nem o Prefeito e o Secretário de Educação caxiense ajudaram, foi a maior decepção”, descreve.

A filha foi para outra escola particular, mas lá também não conseguiu alcançar metas e então recebeu, educadamente, o “pedido de saída” da unidade. Ao procurar uma fonoaudióloga e um neurologista, veio o laudo de dislexia, isso aos oito anos de idade. Uma senhora percebeu o nosso sofrimento e indicou a Faculdade de Reabilitação da Associação de Solidariedade à



ELISÂNGELA LEITE

“Hoje, aos nove anos, ela ainda não sabe ler e escrever corretamente. Mas tem um canal no YouTube, e com ele desenvolveu muito bem a fala. Um vídeo de Lauany já ultrapassou mais de oito milhões de visualizações”

MARIA DE FÁTIMA SALVADOR, MÃE DE LAUANY

Criança Excepcional (FRASCE), e lá a menina obteve tratamento com vários médicos.

“Hoje, aos nove anos, ela ainda não sabe ler e escrever corretamente. Mas tem um canal no YouTube, e com ele desenvolveu muito bem a fala. Um vídeo de Lauany já ultrapassou mais de oito milhões de visualizações, o que resultou no pagamento pelo Google. Ela ama fazer vídeos, dançar e cantar, como qualquer criança da sua idade”, afirma a mãe. Lauany já fez boxe na Associação de Moradores do Conjunto Esperança, e foi escrita no balé e na natação na Vila Olímpica da Maré. “Tudo foi interrompido por não con-

seguir vaga em uma escola onde eu me sentisse segura. Na cidade não tem escola que aceite a gente, isso é muito sofrimento”, desabafa.

Apesar do laudo de dislexia, uma professora convidou Lauany para ir ao quadro e ler perante a turma, o que virou chacota. “Passar por constrangimento dói, a ponto de eu achar que nada vai mudar nunca. Que ela vai passar por isso a vida toda, e imagino aonde foi parar o amor ao próximo. A única coisa que desejo é que minha filha seja amada e respeitada”, ressalta. Sobre o ensino, ela é taxativa: “nem o particular e nem o público oferecem um professor de apoio. Ele pode-

ria entender que a dislexia é a falta de atenção, minha filha pode estar olhando para o quadro, mas se passar um pássaro ela desvia o olhar e o pensamento. O meu problema é achar uma escola pública boa, que ofereça qualidade. Eu só queria que ela aprendesse a ler e a escrever”.

Um alerta para outros pais

Maria de Fátima deseja alertar aos pais que hoje sofrem. “Meu sonho é ir às escolas e falar sobre tudo o que passamos e mostrar aos pais e professores as dificuldades no aprendizado; eu quero mostrar o caso da minha filha, para revelar que existe a dislexia no mundo; acabar com as dúvidas no laudo e tratamento, que já me fizeram chorar muito”, comenta. Hoje Maria de Fátima mostra para a filha sua diferença, e a incentiva a lutar. A menina recebe conhecimento lúdico, com o uso do canal na internet, e ainda pinta pano de prato, uma terapia ocupacional em casa. “Temos de reinventar o aprendizado”, conclui.

No Brasil, hoje, apesar de comum, é ilegal a escola rejeitar a matrícula, se tiver vaga, para qualquer criança, com deficiência ou não. E o que era ilegal, a recusa da vaga agora passou a ser crime para todas as escolas. A infração é prevista no Estatuto da Pessoa com Deficiência, a Lei Brasileira de Inclusão, em vigor desde 6 de julho de 2015, quando foi sancionada. Nas escolas particulares, também passou a ser crime cobrar uma taxa extra para aceitar alunos especiais. Avanços que os especialistas consideram um passo a mais no caminho do Brasil rumo à educação inclusiva.

